

O jornalismo performativo do “Sertão Transviado”: a imprensa LGBTQIA+ no Cariri cearense

Performative journalism in “Sertão Transviado”: the LGBTQIA+ press in Cariri Ceará

Periodismo performativo em “Sertão Transviado”: la prensa LGBTQIA+ en Cariri Ceará

Recebido em: 07/04/2019

Aceito em: 28/02/2021

DOI: 10.46952/rebej.v10i27.68

RESUMO

Este artigo traz a experiência de desenvolvimento do jornal *Sertão Transviado*, produção jornalística do projeto “Sertão Transviado: outros Cariris”, vinculado às Pró-Reitorias de Extensão e de Cultura da Universidade Federal do Cariri (UFCA) durante anos de 2016 a 2018. Ao lado da revisão de literatura das teorias do jornalismo, traçamos a noção de “jornalismo performativo” no sentido de perceber novos modelos da modalidade em profundidade e subjetividade através da apuração, narração, hierarquização e edição das pautas voltadas para as performances e as cotidianidades das paisagens transviadas do movimento LGBTQIA+ e dos ativismos *queer* no interior do Cariri cearense.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação. Corpo. Estudos Transviados. Imprensa Alternativa. Jornalismo Cultural.

ABSTRACT

This article brings the development experience of the newspaper *Sertão Transviado*, the journalistic production of the project “*Sertão Transviado: outros Cariris*”, linked to the Extension and Culture Deans of the Federal University of Cariri (UFCA) during the years 2016 to 2018. Beside from the literature review of the theories of journalism, we trace the notion of “performative journalism” in the sense of perceiving new models of the modality in depth and subjectivity through the investigation, narration, hierarchization and editing of the guidelines focused on the performances and the daily lives of the movement’s shifted landscapes LGBTQIA+ and *queer* activism in the interior of Cariri, Ceará.

KEYWORDS

Communication. Body. Transviado Studies. Alternative Press. Cultural Journalism.

RESUMEN

Este artículo trae la experiencia de desarrollo del periódico *Sertão Transviado*, producción periodista del proyecto “Sertão Transviado: outros Cariris”, vinculado a los Decanos de Extensión y Cultura de la Universidad Federal de Cariri (UFCA) durante los años 2016 a 2018. A partir de la revisión bibliográfica de las teorías del periodismo, rastreamos la noción de “periodismo performativo” en el sentido de percibir nuevos modelos de la modalidad en profundidad y subjetividad a través de la investigación, narración, jerarquización y edición de las pautas centradas en las performances y la vida cotidiana de los paisajes cambiantes del movimiento LGBTQIA+ y activismo *queer* en el interior de Cariri Ceará.

PALABRAS CLAVE

Comunicación. Cuerpo. Estudios Transviados. Prensa alternativa. Periodismo cultural.



Ribamar José de Oliveira Junior

Doutorando em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ.

ribamar@ufrj.br

José Anderson Freire Sandes

Mestre em Letras e professor adjunto UFCA.

jose.sandes@ufca.edu.br

1 INTRODUÇÃO¹

O projeto “Sertão Transviado: outros Cariris”, vinculado às Pró-Reitorias de Extensão (PROEX) e de Cultura (PROCULT) da Universidade Federal do Cariri (UFCA) finalizado no ano de 2018, foi anteriormente elaborado através das ações culturais do projeto “Ânus Livres: mídias radicais e histórias marginais”, vinculado à PROCULT no ano de 2016. Nestes dois anos de atividade, a iniciativa articulou a produção de um jornal que em seus seis números geraram pautas para imprensa regional, da capital cearense e do Brasil. Com um olho no passado e outro olho no presente, grifou na sua linha editorial a articulação das questões de gênero, sexualidade, raça e classe.

As pautas do jornal reportam de forma singular realidades vivenciadas pelas minorias sexuais e de gênero do Cariri através de artigos, reportagens e entrevistas em profundidade, renovando na abordagem dos fatos e, principalmente, inovando em sua linguagem, centrada na dimensão subjetiva. O jornal foi concebido dentro da Pedagogia do Jornalismo Impresso, alargando-se timidamente pela grande avenida do jornalismo digital. Os pilares foram: o debate intensivo de suas pautas (como abordar problemas tão complexos e fugir de estereótipos, ambiguidades e sensacionalismos); a apuração (entender os vários ângulos da questão e das pessoas envolvidas) e a narração (liberdade de estruturar o texto, utilizando artifícios da literatura, mas sem nunca sair da linguagem referencial).

Com liberdade de foco, apuração e narração, a equipe que compôs as ações do “Ânus Livres: Mídias Radicais e Histórias Marginais” no ano de 2016, foi articulada por dois estudantes do curso de Jornalismo. Após o aprimoramento do projeto, adentrou na equipe mais um bolsista. Sob tutoria de um professor e apoio técnico de um designer, a equipe no ano de 2017 seguiu com a construção de pautas mais reflexivas através de perfis bem estruturados e entrevistas em profundidade.

Na condição de gênero do jornalismo, a entrevista foi classificada por diversos estudiosos da mídia. De acordo com Morin (1973), a entrevista de neoconfissão, por se concentrar na interação pesquisa-pesquisador, aparece em um campo fechado no qual vão se concentrar forças sociais, psicológicas, afetivas. Assim, a entrevista é uma arte, uma prática, o jornalista abre um espaço no jornal ordenado pela recriação do fato, rememorado por meio da tensão permanente que se forma entre a pergunta e a resposta. “Quando atinge um grau maior de interação humana e, ao mesmo tempo, um grau de informações mais significativas atende também à memória coletiva” (MEDINA, 2003, p. 23).

Diante disso, não deixamos de estudar as teorias do jornalismo, reconhecendo o jornalismo como uma força conservadora, mas o distinguindo, segundo Traquina (2005), como um campo que pode reconstituir recursos para a visibilidade de novos agentes sociais, principalmente os que contestam o *status quo* e os valores dominantes. “O jornalismo, afinal, é resultado de processos de interação social não só entre os

¹ Trabalho produzido com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

jornalistas, mas principalmente entre suas fontes. Entendendo como interação a troca de experiências e saberes” (TRAQUINA, 2005, p. 202-203).

Desse modo, as questões incisivas para o futuro do jornalismo foram colocadas em prática. Os bolsistas participaram de todas as etapas da configuração do jornal “Sertão Transviado”. Da definição da política editorial, passando pela estruturação da pauta, pelos métodos de apuração, pela problemática das fontes e pelas questões de linguagem, ou seja, o foco foram três ferramentas indispensáveis para a profissão: a percepção do valor notícia, a apuração do acontecimento e a narração do fato. A hierarquização e a interpretação do acontecimento são predicadas indispensáveis na composição da produção noticiosa, um processo complexo que se inicia com o próprio acontecimento. O conceito de notícia, a narração do acontecimento, é um dos principais dilemas enfrentados pelos professores e estudantes do curso de Jornalismo, pois ela é a principal *commodity* no sistema da informação.

Assim, para Alsina (2009), a produção de jornalismo de atualidade se articula através da notícia, sendo a credibilidade o seu mecanismo específico regulador que irá determinar o que é publicável. Se o discurso informativo não for crível, o acontecimento não se configurará como notícia. O contrato pragmático fiduciário dos meios de comunicação é um produto histórico da institucionalização e da legitimação do papel do jornalista. Diante disso, Sodré (2009) assinala, por outro lado, que onde existe discurso (produto básico do mercado simbólico da comunicação) há disputa em torno da produção de sentido, logo, da ideologia, pois “cada jornal desenvolve estratégias capazes de lhe outorgar uma identidade junto aos seus leitores” (SODRÉ, 2009, p. 14).

De tal modo, essas estratégias deságuam na produção de um jornal com uma meta clara, a introdução de atividades práticas e profissionais na produção do jornal. A rotina de trabalho jornalístico na seleção de pautas, nos deslocamentos de repórteres, na coleta de informações, na edição de textos, no registro das fotografias, no desenvolvimento dos gráficos e dos infográficos, da articulação das tabelas e dos mapas. Hoje, vivemos um momento paradoxal. No sertão do Ceará a publicação de um jornal LGBTQIA+² não deixa de ser de suma importância, tendo em vista a cristalização da figura masculina nos enredos da região, no ideal de cabra macho, como afirma Albuquerque Junior (2013). Dessa forma, nas invenções, o Sertão Transviado esteve entre os preceitos éticos do jornalismo, abarcando o que o alemão Groth (2005) chamou dos três pilares do jornalismo: atualidade, periodicidade e universalidade.

À vista disso, questões colocadas pelo “Sertão Transviado”, cuja periodicidade no primeiro ano se ateve ao fluxo bimestral e posteriormente ao fluxo trimestral, abordam um tema tanto local quanto específico ligado, principalmente, ao bem comum e à reverberação dissidente entre visões distorcidas no Brasil (por motivos religiosos e patriarcais) com relação ao público LGBTQIA+, articulando as dissidências das culturas baseadas em identidades sexuais e de gêneros. Nesse sentido, procuramos alguns elementos como a transparência, a honestidade, as fontes de informação, a originalidade

² LGBTQIA+ é a sigla de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros, *queer*, intersexuais e assexuais. O sinal + é utilizado para alcançar uma amplitude maior diante do movimento LGBT e ativismos *queer*, reverberando dissidências sexuais e de gênero (COLLING, 2016).

e a exatidão para a elaboração do jornal, como apontam Kovach e Rosenstiel (2003). Mas, um atributo essencial foi a independência, pois o jornalismo é baseado em levantar os dados, aprender, entender e educar. Afinal, como explica MacQuail (2013) a mídia de massa pode gerar um novo sentido de identidade a partir das novas ideias sintonizadas com liberdade e mudanças.

“Criar barreiras a esse processo de descoberta acaba, no fim, uma deslealdade com o leitor” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 127). O jornal é elaborado em várias etapas, ou seja, o bolsista vivenciou na prática todo cotidiano de uma redação de jornal ou o que Alsina (2009) chamou de produção, circulação e consumo da notícia. Dentro dessa lógica, o jornal foi estruturado do seu design gráfico, da utilização de tipos e cores até do seu conteúdo através das colunas, dos artigos, dos perfis, das entrevistas e das reportagens, sempre primando pela apuração rigorosa dos acontecimentos e ampliando a visibilidade da comunidade LGBTQIA+ no Cariri. Diante disso, como pensar em um “jornalismo performativo”?

2 PAUTAR O PERFORMATIVO³

A primeira edição do Jornal Sertão Transviado foi publicada em abril de 2016. O título de editorial “Abril o Ânus” fez referência ao mês e ao título do projeto, “Ânus Livres: mídias radicais e histórias marginais”. Com conteúdos relacionados ao movimento LGBTQIA+ e aos ativismos *queer*, como distingue Colling (2015), o número teve como capa a *performer* Saullo Berck, mais conhecida como a Rainha dos Tijolos em Barbalha, interior do Ceará. Ainda enxuta, a equipe trouxe reportagens, matérias e entrevistas com pessoas LGBTQIA+ da região do Cariri cearense. A partir da produção do corpo nas artes, o dançarino Nicolas Bergson contou sobre a técnica do *Stilleto Dance* e a Trupe dos Pensantes de Crato explicou como funciona a proposta do teatro do oprimido, cujo espetáculo começa antes de começar, longe das cortinas. Do ponto de vista de organização dos movimentos sociais, foi acompanhada a 6ª edição do encontro do Piquenique Feminista que na época mobilizava um conjunto de meninas e mulheres para debater pautas importantes do feminismo em lugares públicos.

O perfil de Saullo Berck traçou os caminhos entre a cotidianidade da artista nas paisagens do sertão e a virtualidade dos seus retratos nas redes sociais, a *web-celebridade* falou sobre os dilemas da fama e os planos futuro para a carreira. A apuração da pauta aconteceu no sítio Malvinas, zona rural da terra de Santo Antônio. A primeira coluna do “#VulvaEu”, espaço destinado as reflexões sobre feminismos e intersecções, retratou a questão do corpo feminino através do uso ou não do sutiã. Em paralelo, a primeira coluna do “#DescascandoBananas” contou sobre o pensamento político da Universidade diante da leitura de frases racistas e homofóbicas escritas nos banheiros da instituição. Na seção “#CorpoFalante”, foi possível acompanhar ensaios fotográficos

³ Leitura de todos os números completos em plataforma digital: <<https://issuu.com/sertaotransviado>>. Acesso em: 16 de mar. de 2021.

produzidos com a intenção de gerar visibilidades e dizibilidades. Por fim, a primeira edição contou com dicas de filmes, livros e séries que envolvessem a temática LGBTQIA+, assim como uma pequena agenda dos movimentos sociais da região.

Assim, foi possível perceber, através da repercussão do lançamento do primeiro número, uma tensão, tanto por parte dos estudantes do curso de Jornalismo como também de outros cursos da UFCA. Ouviu-se que muitas pessoas não leriam o jornal apenas pelo nome. A autora da coluna feminista que escreveu sobre o uso ou não do sutiã foi abordada por homens estudantes no Restaurante Universitário (RU), o que causou constrangimento e intimidação sobre o papel da jovem no jornalismo. E, no dia seguinte, após a ocasião de lançamento que contou com uma apresentação do grupo *Dolls Domination*, coletivo dos dançarinos de Saullo Berck, e uma palestra com o pesquisador Samuel Macêdo, foram arrancadas das paredes os cartazes de divulgação da primeira edição do jornal.



Figura 1: Capa da 1ª edição (2016).

A segunda edição do jornal, lançada em julho de 2016, teve como título de editorial a frase “LGBT é meu zóvo” para refletir sobre as premissas do ensino público diante da pluralidade, frase riscada embaixo de um dos cartazes da primeira edição, arrancados por alguns estudantes. Foi trazido pela primeira vez, ao lado do editorial, uma charge que retratou a imagem do Padre Cícero ao lado de um unicórnio seguida da frase “no Cariri tem travesti”. Na capa, o ator Guido Campos falou sobre o processo criativo de reinventar o sertão através do Hamlet, no monólogo do artista o corpo aparece como um devir, um processo, pois a cada cena ele remonta cenas vividas no Cariri por meio da incorporação dessas personagens cotidianas. Guido se torna uma senhora religiosa, um cabra sertanejo, uma menina ingênua e até Virgulino na retórica existencial.

Na coluna #DescascandoBananas, um relato sobre o uso dos banheiros por um homem trans abriu a reflexão para além dos binarismos de gênero. A #VulvaEu contou com a narrativa de Wiarlley Spears, primeira travesti formada pela Universidade Regional do Cariri (URCA), no curso de Artes Cênicas, sobre a conquista do diploma e a reversão dos enquadramentos de violência do corpo travesti.



Figura 2: Capa da 2ª edição (2016).

A terceira edição do jornal Sertão Transviado foi lançada em outubro de 2016. O editorial “Metendo o grelo na tradição” instigou a reflexão sobre a cultura popular e as cristalizações identitárias do Nordeste. A capa contou o perfil de Tica, brincante do papel de Rainha na manifestação cultural do Reisado Santa Helena em Juazeiro do Norte. Como uma das mulheres transexuais que rompem com a faixa etária da população transexual e travesti no Brasil, estimada pelo IBGE como até 35 anos⁴, Francisca da Silva aos 54 anos ocupou pela primeira vez um cargo tido como feminino em um grupo da tradição. A charge que retratou uma devota de joelhos em um oratório trouxe uma reflexão sobre a fé regional e o cenário político da época mobilizado na época pelas manifestações “Fora Temer”.

Nessa edição, a equipe do jornal visitou terreiros de candomblé para conversar sobre transexualidades e o reconhecimento de pessoas LGBTQIA+ na religião de matrizes africanas com mães e pais de santo. Pablo Soares, pesquisador e ativista *queer*, e a cordelista Josenir Lacerda conversaram sobre a resistência dos movimentos sociais a partir da literatura de cordel que reposicionem enunciados e lugares de fala. O grupo de tradição da Mestra Marinês, Coco Frei Damião, deu uma entrevista após uma apresentação realizada no Parque Padre Cícero, a Mestra é uma das mulheres que batem no peito e pisam o chão dizendo que o Coco é feminista. A terceira edição do jornal foi lançada em uma ocasião específica no auditório da UFCA.



Figura 3: capa e contracapa da 3ª edição (2016).

⁴ Segundo Ruiz (2020), a “transnecropolítica” aparece como uma forma de extinguir a expectativa de vida das pessoas trans que é de até 35 anos no Brasil.

“Bat Macumba, obá” foi o título do número que mais repercutiu o Jornal Sertão Transviado, lançada em março de 2017. A quarta edição teve como foco a contracultura e o movimento LGBTQIA+ entre as décadas de 1960 e 1970 no Cariri cearense. Durante a apuração de pauta, Leninha Duarte atendeu o telefone de toalha dizendo que não pode nos receber para uma entrevista por conta da data do voo marcado para Florianópolis. O cantor João do Crato lembrou que nas noites do Xá de Flor, antigo bar alternativo da época, ela fazia cover da cantora Janis Joplin e fugiu num fusca para Rio de Janeiro com a companheira lésbica. O cantor João do Crato contou nos dedos, sentado no Largo da RFFSA, quantas mulheres participavam da contracultura. O mais difícil nessa edição do jornal foi documentar a vida dessas mulheres, o cenário da noite neon marginal e traçar as cartografias dos desejos subversivos.

A quinta edição do jornal, lançada em agosto de 2017, teceu uma relação entre *drag queens* e artesanato. A capa contou com entrevistas em profundidade a partir das vivências de Phantom e Malina, duas artistas que posaram para fotos no Centro Cultural Mestre Noza, em Juazeiro do Norte. Ao lado dos artesãos, elas falaram sobre o processo de construção do corpo na mesma forma com que eles falaram sobre o processo de talhar esculturas. A grande reportagem contou as histórias de outras *drags* como Chanel Oberlin e Valentinna Lenz. A vida da travesti Ketlin Miranda, assassinada naquele ano foi revisada através de um perfil póstumo constituído com relatos da família. Na apuração de pauta, foi descoberto um caderno rosa de poesias que estava em cima do guarda-roupas da travesti, cujo trabalho foi recentemente publicado, em 2020, pela PROCULT. As poesias conduziram uma construção subjetiva do perfil.



Figura 4: capa e contracapa da 4ª edição (2017).

A cantora Linn da Quebrada, em entrevista sobre o cenário musical brasileiro, sugere que se “tire os paus da mesa e se coloque os cus na reta”. Em uma matéria sobre o carnavalesco Macaxeira da cidade de Barbalha, foram revividas memórias sobre a homossexualidade e o carnaval da cidade do interior. A estilista Betânia Frutuoso contou sobre a possibilidade de reinventar o gozo sexual a partir de lingerie produzidas por mulheres, os encontros do carnaval carioca e as performances como uma *drag queen*. Em uma matéria sobre homens trans, foi pautada a construção de um abrigo para essa população na cidade de Fortaleza por meio das ações da Associação Transmasculina do Ceará. Através de uma ida até o ponto de trabalho de profissionais do sexo em Juazeiro do Norte, a Praça do Giradouro, a equipe conversou com travestis que falaram sobre a discriminação profissional e outros modos de vida para além do preconceito. O ponto de partida do diálogo na pauta foi um compartilhamento de um isqueiro entre as travestis e os repórteres da edição, no local de trabalho enquanto profissionais do sexo, na Praça do Giradouro em Juazeiro.



Figura 5: capa da 5ª edição (2017).

A sexta e última edição do Sertão Transviado não chegou a ser lançada, mas deve data de publicação em janeiro de 2018. O número ainda teve reverberações em janeiro, porém não alcançou lançamento, principalmente, após o final do projeto. Com editorial no idioma dos índios Kariris, a palavra “Wonghebü”, na tradução do português para *Kiriri* (Kariri), significa andar errado do caminho. A equipe seguiu estrada para o distrito de Monte Alverne, na cidade de Crato, para conhecer a comunidade de remanescentes Kariri pelo relato das mulheres. Pela primeira vez, um veículo de comunicação da região produziu uma reportagem completa no idioma Kariri.



Figura 6: capa e contracapa da 6ª edição (2018).

Para tradução da reportagem capa foi utilizada a Gramática da Língua Kariri de 1699, cedida através de dois arquivos teóricos-metodológicos, pelo pesquisador Ricky Seabra que tem um projeto de criar um dicionário completo com mais de duas mil palavras não traduzidas do catecismo. O processo de tradução do conteúdo jornalístico foi interessante devido aos significados das palavras e a utilização de sinônimos. Em uma matéria sobre a trajetória da vendedora transexual Sabrina, foi possível construir a memória sobre os guetos subversivos e as personagens da cena LGBTQIA+. Foi conversado com Lacreia, uma pessoa não-binária transeunte dos espaços urbanos do Crato, sobre as táticas de ocupação política dos lugares e o festejo do seu corpo através da leitura da entidade Iansã.

As análises *queer* na perspectiva de gênero (por meio de positivar a forma pejorativa de insultar homossexuais) diante do que há de conversável nas entrevistas, buscam desconstruir categorias identitárias através do esmiuçamento dos processos históricos que as criaram. Nesse sentido, Bento (2017) sugere o termo transviado, como tentativa de abraçar pelas palavras o *queer* diante das especificidades da produção dos corpos na cultura. Assim, se a própria linguagem performativa do jornalismo cria efeitos e leva aos leitores adotarem ou rejeitarem comportamentos e visões de mundo, como pensar em fissuras na pauta tradicional diante da abordagem e do reconhecimento de gêneros e sexualidades?

3 JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE

No sentido de refletir sobre o fato, objeto de estudo de jornalismo e objetivo da busca técnica do jornalista, Oliveira (2012) traz que os fatos são práticas humanas que adquirem significação através de métodos discursivos. O autor destaca que os manuais de jornalismo norteiam a redação para captar a relevância a partir do novo, geralmente, associada ao sensacional ou trágico. “Em outras palavras, é o caráter performativo dos acontecimentos no mundo e a sua transformação em notícia o que realmente importa; mas isto depende do modo como o fato é enquadrado” (OLIVEIRA, 2012, p. 120).

Além disso, Oliveira (2012) discute que a percepção do jornalista é uma atividade e não ocorre de forma passiva. Por isso, a relevância do fato aparece como uma escolha, próxima de uma intervenção diante de um acontecido tido como noticiável por agregar valor. Se para o autor, as intervenções nos acontecimentos geram fatos intencionados distintos do caráter político das escolhas, pensamos nos moldes de Butler (2018) sobre a linguagem performativa do jornalismo que trabalha não para iniciar uma ação, mas para contê-la.

Deste modo, entre a produção e a recepção das operações jornalísticas, Oliveira (2012) procura abordar os performativos do jornalismo nos limiares da produção de sentido e sugere o questionamento sobre os usos da palavra e das frases nos contextos em que são produzidos. Isso se aproxima do que Butler (2018) aborda sobre o campo de aparecimento e o reconhecimento do gênero, visto pela autora como “regulado por normas de reconhecimento que são hierárquicas e excludentes, a performatividade de gênero está assim ligada às formas diferenciais por meio das quais sujeitos se tornam passíveis de reconhecimento” (BUTLER, 2018, p. 46).

À vista disso, assim como faz Oliveira (2012) sobre desfazer os sentidos do fato, procuramos deslocar a centralidade do mesmo na abordagem jornalística para se pensar, dentro da linguagem performativa do jornalismo, formas de reconhecimento legítimas das minorias sexuais e de gênero, sobretudo, a partir do controle midiático da esfera do aparecimento e da política efetiva da ausência na precariedade da pauta. “A performatividade do texto jornalístico nunca é uma recontextualização, mas sempre uma construção de sentidos pelo movimento, pelo emprego de diferentes recursos, traços distintivos, códigos semióticos e recursos linguísticos” (OLIVEIRA, 2012, p. 123). O performativo na linguagem jornalística também parte das intenções que escapam e gera movimentos não previstos na estrutura convencional textual.

De tal modo, o jornalista pode, ao lado do leitor, apontar novos agentes para a leitura do texto. Ainda, Oliveira (2012) traz que os comportamentos performativos podem transgredir ou alterar os meios canônicos de produção e de leitura do jornalismo por meio da própria recepção contextual. Assim, vale pensar o “jornalismo performativo” como ferramenta para prover uma outra visão diante da abordagem da pauta jornalística tradicional diante das minorias sexuais e de gênero, pois propõe pensar no contexto em que a ação ocorre e nos modos como o texto constrói os relatos de si dos outros através do que o jornalista faz e diz.

Diante do que trazem Escosteguy e Messa (2007), o campo de investigação da comunicação sob uma perspectiva de gênero é, sem dúvidas, um grande desafio, tendo em vista que era uma área ainda menos explorada e com grandes lacunas. No contexto em que abordam as autoras, o destaque da época eram os estudos de recepção, o universo masculino e a problemática da raça. No âmbito de jornalismo e gênero, é interessante destacar o que Leal e Carvalho (2012) trazem sobre a o silenciamento parcial das identidades LGBTQIA+ a partir de cada angulação e da abordagem específica dos conteúdos jornalísticos. “Em outras palavras, as questões LGBT, ainda que tratadas de modo genericamente favorável, permanecem narradas de modo ambíguo e algumas das vezes contraditório” (LEAL; CARVALHO, 2012, p. 20). Por isso, o silenciamento não aparece na recusa da voz ou da noticiabilidade, mas aos modos de compor a narrativa/argumentativa.

No panorama dos estudos sobre mídia, sexualidade e gêneros não normativos no Brasil, Colling et al. (2012) apontam a questão diante do peso desses assuntos na mídia dentro dos estudos sobre gênero e sexualidade. Nesse sentido, os autores discutem que na atualidade não é mais possível falar de uma área do conhecimento que esteja mais apta a falar sobre as sexualidades, destacando a comunicação como apenas uma das áreas de abordagem. Assim, é interessante perceber como a problematização dos meios de comunicação, no panorama traçado, aparece diante da premissa de que será impossível acabar com os preconceitos se não virmos o reflexo dos mesmos nos produtos culturais pela diversidade sexual e de gênero. “Eis aí uma pauta que ainda não ingressou com força no movimento LGBT brasileiro, que parece muito mais preocupado em atacar a homofobia por meio de marcos legais” (COLLING ET AL., 2012, p. 99).

Se como traz Silva (2015), o jornalismo se desdobra enquanto gênero masculino, tendo em vista a forma como a perspectiva de gênero atravessa tanto os sujeitos quanto as instituições nas relações de poder e de construção das hierarquias no âmbito das notícias, destacamos o que Rodrigues (2018) pontua sobre a importância dos periódicos LGBTQIA+, impressos ou não, para a construção das diferentes (des)identidades da comunidade. “Tanto quanto narrar a situação social e política de um grupo em determinada época, jornais e revistas de temática libertária indiciam as concordâncias que formulam o design identitário desse grupo” (RODRIGUES, 2018, p. 71). De modo interessante, cabe situar o que Lago, Kazan e Thamani (2018) discutem sobre o papel da Interseccionalidades nos estudos de jornalismo na medida em que a importância dos periódicos destoam reverberações na construção das identidades, sobretudo, na contribuição dessas reflexões para o enfrentamento das desigualdades.

A partir da relação entre os Estudos Culturais e as perspectivas *queer*, Tomazetti e Marconi (2017) discutem as relações de gênero nos estudos em Comunicação. Nesse sentido, vale destacar forma como os Estudos Culturais influenciaram a vertente dos estudos *queer*, sobretudo, no recorte analisado entre os principais textos produzidos pelos anos de 1970 a 1990, tendo em vista os aspectos da politização da prática acadêmica e dos novos caminhos para o espectro comunicacional. Apesar disso, os autores constataam que os estudos em comunicação ou os objetos da comunicação ainda

não foram suficientemente atingidos pela problemática *queer*, sendo recente o enlace teórico quando mencionam alguns trabalhos.

Dessa forma, nos caminhos para pensar a problemática de gênero nos estudos em Comunicação, Tomazetti (2018) pontua que tais abordagens congregam aspectos e temáticas pela convergência de saberes especializados que por si são analisados sob a ótica especificadamente comunicacional. Por isso, o que o autor traz como intersecção multidimensional a partir do movimento dos objetos que articulam as teorias e os conceitos no campo da Comunicação, revelam a potencialidade de produzir análises atravessadas para as interações histórico-sociais para além da justaposição de saberes. É o caso da forma como se pode pensar a produção das problemáticas comunicacionais com as interfaces de gênero e sexualidade nos processos comunicativos. Afinal, a área da comunicação pode ser um “possível *espaço de construto e redefinição teórica do conceito de gênero*” (TOMAZETTI, 2018, p. 186, grifo do autor).

Assim, Escosteguy (2020) procura costurar apontamentos sobre as relações entre a Comunicação e as questões de gênero a partir das vinculações do debate, em singularidade associados ao feminismo brasileiro e o impacto na pauta da pesquisa em Comunicação. De 1970 a 2015, a pesquisa na área encontra diversas categorias e os fluxos processuais do seu desenvolvimento, porém a autora destaca quatro momentos específicos por meio de impulsos, do primeiro ao uso da categoria de mulher, do segundo a termo de gênero, no terceiro, na crítica ao pós-feminismo entre as convergências Norte e Sul e, no quarto, com na explosão dos feminismos nas mídias digitais. No foco da década de 2010, ela pontua o reconhecimento da diversidade de gênero e sexualidade em contraponto ao discurso antifeminista, mobilizado pela subida da extrema-direita.

“Esses percursos se potencializaram na contemporaneidade via intersecções entre novos ativismos LGBTQIA+” (ESCOSTEGUY, 2020, p. 107). Desse modo, a produção jornalística do Sertão Transviado, como jornal desenvolvido entre a perspectiva transviada e o campo da Comunicação, pode estar atrelado ao que a autora traz como emergência políticas de afirmação das mulheres e transformações sociais das identidades LGBTQIA+, sobretudo, pelo enfoque do contexto brasileiro ter o impacto diferente do feminismo nas áreas das ciências humanas e sociais ao lado da área da comunicação, uma vez que Escosteguy (2020) traz a inexpressividade do feminismo nesta última até recentemente. Vale destacar o que Bertasso, Nascimento e Gustafson (2020) abordam sobre a necessidade e a emergência do debate entre jornalismo a partir das temáticas de gênero, devido a incipiência e a urgência que repensem tanto a prática quanto as relações entre profissionais e ensino.

Dessa forma, fazemos o mesmo questionamento de Santana (2018), sobre “como pauta o LGBT?”, para pensarmos na forma como o jornalismo produz conteúdo sobre o universo LGBTQIA+, sobretudo, frente à proposta de construção do “jornalismo-queer-identitário”, na medida em que o leitor se desloca do eixo do leitor/consumidor para o leitor/consumidor/cidadão, quando o acesso à informação amplia a relação do mesmo com o coletivo. “Isso pressupõe uma condução noticiosa focada na

tentativa de produzir conteúdo sem a criação das margens sociais que levam aos saberes e viveres sem legitimidade” (SANTANA, 2018, p. 185). Não sabemos em que medida o Sertão Transviado se aproxima do que seria a proposta do autor, mas apontamos a forma como a produção jornalística do jornal procurou desvendar as posições de hegemonia e os conservadorismos da pauta, marcando para o que consideramos no sentido transviado de “jornalismo performativo” e em sintonia com as mudanças sociais para as modificações dentro das redações.

De certa forma, esse processo de fissura da pauta aparece no percurso que Moraes (2020) chama de jornalismo de subjetividade, na medida em que a objetividade jornalística além de necessária aparece revisitada, não só na dimensão técnica, mas também da produção ideológica que historicamente situou narrativas de rejeição. Ao convocar a insurgência ou a prática subjetiva comunicacional/jornalística, a autora destaca a aproximação entre a percepção da forma como são sustentados e estabilizados contextos e posições ao invés de mantidos. Na metodologia do jornalismo subjetividade, Moraes e Gouveia (2018) situam que o primeiro caminho para o desenvolvimento desta prática estaria disposto em alguns pontos, a exemplo da busca pela reportagem que privilegie tanto a objetividade quanto a subjetividade.

Dentre eles, destacamos alguns pontos e relacionamentos com o Sertão Transviado a partir do desenvolvimento das 6 edições do jornal. No caso: no investimento na visibilidade de pessoas e grupos que são representados, muitas vezes, por lentes opacas ou enquadramentos reduzidos; na busca pelas semelhanças e não diferentes diante da produção; na recusa pelos modelos de existência pré-estabelecidos; na abordagem que esquiva a espetacularização e recusa a exotificação; na apuração e checagem densas; na observação densa e participante; ter tempo estendido para elaboração da reportagem; trazer opinião e informação; prezar pela polifonia; e convivência maior com fontes, até secundárias.

Portanto, não seria possível e do crivo do artigo estabelecer todos os pontos como concisos na produção jornalística do Sertão Transviado, mas tendo em vista o que trazem Moraes e Gouveia (2018), acreditamos que o jornal conseguiu destoar alguns elementos do jornalismo de subjetividade a partir da sua produção. Porém, nas tramas do que Moraes e Anjos (2020) destacam entre a arte-jornalismo, vale destacar que o jornal poderia ter sido mais mobilizado enquanto nova forma jornalística de informar e aderir um público fragmentado, sobretudo, pela forma como o Sertão Transviado espelhou as limitações das formas de representação da imprensa. Afinal, “a arte pode ser um caminho, mesmo por uma via subjetiva, de promover um contato maior do jornalismo com seu entorno (...)” (MORAES; ANJOS, 2020, p. 53).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na história das mídias no Brasil jamais tivemos tamanha pluralidade de vozes, principalmente diante da grande avenida aberta pelo jornalismo online. Não defende-

mos, como alguns teóricos, que qualquer um pode ser produtor de conteúdos jornalísticos. Pelo contrário. O jornalismo profissional nunca teve tanta importância nesta quadra histórica com o estabelecimento de uma rede de discursos ideológicos que desinformam mais que informam. Em tempos de “pós-verdade” e *fake news* a responsabilidade dos jornalistas diante do pacto com o seu leitor é gigantesca.

Não defendemos, por outro lado, o discurso da mídia tradicional quando se trata de minorias. Historicamente, a mídia de massa nunca foi transgressora, mas sim reprodutora dos discursos institucionais e do senso comum. A grande imprensa dialoga com outras instituições (Executivo, Judiciário, Legislativo, Igreja, Família, Universidade, desde a criação do Correio Braziliense e da Gazeta do Rio de Janeiro, em 1808). Por isso, a imprensa alternativa é até hoje no Brasil uma opção importante para reforçar a liberdade de imprensa como foi durante os anos de chumbo e, agora, na democracia. A contracultura inspirou e ainda inspira uma série de jornais, não vinculados a ideologias ou partidos políticos, cada um com a sua singularidade – como o Sertão Transviado – numa constante busca por uma sociedade mais justa e inclusiva, a exemplo da inspiração transviada no “Lampião da Esquina” e no “Chana com Chana”.

Percebemos claramente ainda no jornalismo brasileiro um profundo despeito à diversidade de gênero, quando os temas tratados giram em tornos de grupos não hegemônicos, como a comunidade LGBTQIA+. Ribeiro (2010) assinala que, mesmo depois da visibilidade gay ter se ampliado, a grande mídia se mantém atrelada a valores do passado, “na esfera da sexualidade isso é bastante evidente, uma vez que o sexo ainda é tratado por um ângulo binário pouco condizente com a complexidade da diversidade existente entre os seres humanos” (RIBEIRO, 2010, p. 125). Quer dizer, o preconceito continua a ser a linha basilar da imprensa brasileira, nem sempre explícito, mas revelado de forma subliminar e ambígua, apesar dos veículos rechaçarem tal rótulo.

Assim, talvez como jornalismo de contracorrente ou de resistência, pautou-se o sertão. “No dia em que o jornalismo estiver desligado das vidas das pessoas, o jornalista deixou de fazer sentido e de fazer falta, o seu papel e a sua profissão passam à História” (CARVALHO; BRONOSKY, 2019, p. 196). Desse modo, sugerimos através da prática do “Jornal Sertão Transviado” o modelo performativo de jornalismo no sentido de subverter a arquitetura convencional do texto e de promover uma interação entre o leitor a partir da forma com que o jornalismo diz e escreve, pois entendemos que ele cria uma esfera de aparição para corpos tidos como ilegíveis. E, a pauta como mecanismo de localizar o jornalista no acontecimento, pode precarizar de forma seletiva vidas precárias no enquadramento do reconhecimento do gênero e da reverberação das dissidências.

Nesse sentido, o desafio do jornalismo performativo seria encontrar na própria condição performativa do jornalismo esferas de legitimidade de gêneros e de corpos distante dos arranjos normativos. A produção e a leitura do jornalismo performativo podem expandir a pauta e promover linhas de fuga em outros modos possíveis de se fazer a pauta jornalística. Contra essa maré, o Sertão Transviado remou, revelando, como o sol do meio-dia no sertão nordestino dramas, sofrimentos e perseguições à

comunidade LGBTQIA+. Mas, também suas alegrias e o sentido de tantas vidas e seus sonhos, ainda longe de serem concretizados diante da homofobia e do machismo tão presentes no Brasil, particularmente numa região como o Cariri cearense.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: Edufba, 2017.

BERTASSO, Daiane; NASCIMENTO, Fernanda; GUSTAFSON, Jessica. Jornalismo e gênero: a emergência de uma disciplina e um relato de docência compartilhada. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1-9, 2020.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa da assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARVALHO, Guilherme; BRONOSKY, Marcelo Engel. O jornalismo como instrumento de resistência. **REBEJ (BRASÍLIA)**, v. 9, p. 185-196, 2019.

COLLING, Leandro. **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: Edufba, 2016.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal**: tensões entre movimento LGBT e ativismo *queer*. Salvador: Edufba, 2015.

COLLING, Leandro et al. Um panorama dos estudos sobre mídia, sexualidades e gêneros não normativos no Brasil. **Revista Gênero**, v. 12, n. 2, p. 77-108, 2012.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia Rejane. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina. (Org.). **Comunicação e gênero**: a aventura da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 14-29.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Comunicação e Gênero no Brasil: discutindo a relação. **REVISTA ECO-PÓS (ONLINE)**, v. 23, p. 103-138, 2020.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis: Vozes. 2011

KOVACK, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LAGO, Claudia; KAZAN, Evelyn; THAMANI, Manuela. Jornalismo e estudos de gênero: e a interseccionalidade, onde está?. In: Leonel Aguiar; Marcos Paulo da Silva; Monica Martinez. (Org.). **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. 1aed. São Paulo: Intercom, 2018, v. 1, p. 124-140.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. A grande mídia brasileira e as identidades LGBT: um retrato em 2008. **DIÁLOGOS DE LA COMUNICACIÓN (EN LÍNEA)**, v. 84, p. 1-24, 2012.

McQUAIL, Denis. **Teorias da Comunicação de Massa**. Porto Alegre: Penso Editoria, 2013.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2003.

MORAES, Fabiana; ANJOS, Moacir dos. Arte-jornalismo: representação, subjetividade, contaminação. **Lumina**, v. 14, n. 2, p. 39-54, 2020.

MORAES, Fabiana; GOUVEIA, Diego. Para além do robô, a reportagem: pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. In: In: MAIA, Marta R; PASSOS, Mateus Yuri. (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018, p. 65-80.

MORAES, Fabiana. A subjetividade como uma proposta de decolonização do jornalismo brasileiro. In: MAIA, Marta R; PASSOS, Mateus Yuri. (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas: epistemologias dissidentes**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020, p. 99-114.

MORIN, Edgar. **Linguagem da Cultura de Massa**. Petrópolis: Vozes. 1973.

OLIVEIRA, Jair. A linguagem performativa do jornalismo (contra fatos há argumentos). **LÍBERO**, n. 30, p. 119-126, 2012.

RIBEIRO, Irineu Ramos. **A TV no Armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros**. São Paulo: Edições GLS, 2010.

RODRIGUES, Jorge Caê. A Imprensa LGBT no Brasil. In: CAETANO, Marcio. RODRIGUES, Alessandro. NASCIMENTO, Claudio. GOULART, Ellen Treyce. (Orgs.). **Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI brasileiro (1978-2018)**. Rio Grande: Copiart; FURG, 2018, v. 1, p. 66-71.

RUIZ, Melissa S. A transnecropolítica no Brasil. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, p. 1-12, 2020.

SANTANA, Eder Luis. **LGBT como pauta do jornalismo: visibilidade e limitações**. Salvador: Editora Devires, 2018.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do Jornalismo: Modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2014.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

TOMAZETTI, Tainan Pauli; MARCONI, Dieison. Do cultural ao queer: a contribuição dos Estudos Culturais para pensar as relações de gênero nos estudos em comunicação. **Razón y palabra**, v. 21, n. 97, p. 566-584, 2017.

_____. Caminhos para pensar as problemáticas de gênero nas pesquisas em comunicação. In: Flavi Ferreira Lisboa Filho; Thomas Josue Silva. (Org.). **Cultura e identidade: subjetividades e minorias sociais**. 1ed.Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018, p. 184-201.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Santa Catarina: Editora Insular, 2005.